



A terminar, seria interessante saber a que facto inovador se refere o A. ao dizer (p. 41) que “na Universidade portuguesa até 1988, ignorava-se que a língua dos Fenícios e dos Cartagineses foi o hebraico, tal como se ignorava que os Cananeus da Bíblia eram o mesmo povo que os Gregos chamaram Fenícios”.

*José Augusto Ramos*

**NORBERT LOHFINK**, *Lobgesaenge der Armen*. Verlag Katholisches Bibelwerk, Stuttgart, 1990, 138 pp., ISBN 3-460-04431-4.

O presente trabalho, o n.º 143 da colecção “Stuttgarter Bibelstudien”, pretende auscultar alguns textos situados próximo da época das origens do cristianismo, no sentido de neles detectar uma possível espiritualidade sobre a vivência da pobreza tanto individual como colectivamente. Esta questão integra-se, mais amplamente, num ciclo de investigações que o A., ilustre especialista da literatura e do pensamento do Antigo Testamento a ensinar em Frankfurt, tem andado a desenvolver a propósito dos fundamentos bíblicos da teologia da libertação.

Documentalmente, os textos aqui estudados demarcam-se numa época terminal do horizonte da referida investigação. Os textos estudados sob esta perspectiva são o Magnificat, os Hodayot ou Hinos de Qumrân e alguns Salmos que integram o número dos recolhidos na Bíblia e considerados de redacção bastante tardia. O objectivo é estudar o que, na pobreza, pode ser entendido como realizando alguma especial proximidade com Deus e como oferecendo base para uma categoria teológica de libertação. São as ressonâncias e os ressortes provenientes desta espiritualidade e que convergem para o conceito de libertação enraizado no livro do Êxodo que se apresentam aqui explicitados e valorizados.

O primeiro conjunto textual estudado sobre o conceito de piedade ou espiritualidade de pobres (*Armenfroemmigkeit*) é o Magnificat (pp. 13-22), dele se concluindo que a figura de Maria se encontra ali construída como uma síntese histórica final do Israel pobre, isto é, um grupo pequeno e desprotegido, mas dotado da consciência de que nos mais difíceis momentos da história Deus o protege e salva.

A consciência de pequenez é contrabalançada pela certeza da condução da história por parte de Deus. Quando se apresenta Maria a aplicar a si mesma o título de “serva” de Deus, não é para demonstrar qualquer atitude genérica de humildade; é sobretudo para fazer ressoar nela as conotações que a categoria de servo de Deus aplicada a Israel traduz, como fundamentadora da consciência histórica com que Israel vive.

Mas é claramente nos hinos originais de Qumrân, designados Hodayot, isto é, louvores, que se concentra a análise (pp. 23-100), esclarecendo discussões prévias como a de tentar iluminar a questão de saber se os membros do grupo mesmo viviam em comunidade e em pobreza voluntária. Até para esta questão de situar o âmbito real da pobreza aqui postulada, é feita pormenorizada análise da expressão “pobres em espírito”, cuja utilização por Mt 5, 3, no texto das bem-aventuranças se tornou famosa. O seu significado essencial situar-se-ia no âmbito da categoria histórico-teológica aqui tratada, mais do que no da simples negação de bens materiais.

Definido o género literário e a intenção dos hinos, ou culto oficial ou a piedade individual e colectiva, são estudados sete excertos dos Hodayot, sem esquecer, apesar do objectivo específico, os aspectos da crítica textual e da análise literária. Dos resultados colhidos pode sublinhar-se que o conceito de “pobre” tanto se aplica ao indivíduo como à comunidade, que não implica propriamente a falta de bens materiais, que está sobretudo conotado com a ideia de perseguição originada no confronto com o judaísmo oficial. Apesar de tudo, o conceito de pobreza nos Hodayot não parece incluir tantos ressortes para uma teologia da libertação como acontece no Novo Testamento. É que, mesmo que os Hodayot se apoiem bastante sobre os Salmos e sobre o livro de Isaías, não o fazem da mesma maneira como ocorre no Novo Testamento.

Para analisar o alcance da espiritualidade da pobreza nos Salmos foram escolhidos quatro salmos tardios, nomeadamente Sl 140, 146, 147 e 149. A espiritualidade dos pobres desemboca na humilde capacidade de resistência e sofredora perseverança com que o jovem cristianismo enfrentava as aventurosas vicissitudes da história e exprime-se, nos discursos de Jesus, através de algumas parábolas do humilde desenvolvimento do Reino de Deus, e na teologia paulina é formulada pela teologia da cruz. Parecendo tratar-se de uma

questão menor de espiritualidade, este tema insere-se, pelo contrário, no essencial dos paradigmas da teologia judaico-cristã da história.

Para o final (pp. 126-136), Ulrich Dahmen, da Universidade de Bona, preparou uma bibliografia sobre os Hodayot, indo desde 1948 até 1989.

*José Augusto Ramos*

**JOSÉ NUNES CARREIRA**, *Filosofia antes dos Gregos*, Publicações Europa-América, Mem-Martins, 1994, 282 pp.  
ISBN 972-1-03890-3

O título desta obra é já de *per si* interpelador, sem contudo ser, hoje, provocatório, passados que foram alguns entusiasmos racionalistas, os quais, na discussão, à volta da possibilidade, ou não, duma filosofia cristã, propendiam para a negação desta, identificando filosofia e filosofia grega, onde situavam, por assim dizer, o berço cultural da humanidade.

Não se trata, porém, agora, de recuperar a instância do mito, após, o seu extermínio, por superação, pela *logos* filosófico, como em tempos, também em nome da razão, se proclamou. O que este texto mostra é a existência de uma sabedoria que precedeu as grandes formulações gregas, as quais, em muitos aspectos, tiveram nela a sua primeira tematização, ainda quando, por vezes, à mistura com esquemas míticos, aliás nunca ausentes da própria filosofia de estirpe grega.

O *antes* do título é, porém, mais abrangente, não se restringindo ao caso dos pensadores gregos, remetendo para uma proto-sabedoria, da qual a própria Bíblia não poderá dissociar-se.

A matéria desta obra não é inédita, nem o autor se arroga essa pretensão, mas é certamente nova entre nós, pelo menos em formulação tão sistemática. É, com efeito, enorme o lastro bibliográfico, em línguas não portuguesas, sobre que se apoia, jogando com a vantagem do manejo de uma diversidade de idiomas.

A riqueza da unidade deste texto deve muito à formação polimorfa do autor, bem se podendo até afirmar que é a dinâmica das diferenças que o arrasta para essa necessária atracção da unidade.